

Em diálogo com a tradição do melodrama

Por Julia Guimarães¹

Muito antes de se tornar o gênero favorito das telenovelas brasileiras, o melodrama já gozava de grande popularidade no país. Presença constante na radionovela e no circo-teatro do início do século XX, é reconhecido como um gênero propício ao investimento em teatralidade, cuja temática costuma associar-se ao sentimentalismo e à moralidade de época, ao exagerar as virtudes e vícios das personagens de suas tramas.

Por conta de tais características, as atuais adaptações de melodramas no teatro costumam ressaltar ou parodiar justamente esse traço de artificialidade presente no gênero, além de investir nas diversas formas de expressão artística que o melodrama comporta: texto, música, dança, imagem. A julgar pelo título, seria possível imaginar que o espetáculo “Perdóname”, do grupo Teatro D’Aldeia, de São José dos Campos, seguisse caminho semelhante. No entanto, a linguagem cênica construída pela companhia parece situar-se em um terreno indefinido entre o drama e o melodrama, o que modifica consideravelmente os sentidos projetados ao diálogo com o gênero.

Apresentada no Teatro Municipal dentro da programação do Festivale na última quinta-feira (9), a montagem dirigida por Ana Luísa Cardoso é livremente inspirada em obra do dramaturgo português Alfredo Viviani. Na primeira parte da peça, as atrizes e atores se encontram no proscênio do palco e a aveludada cortina fechada do teatro serve de cenário para ambientá-los em um estúdio de rádio, onde soltam a voz para dar vida aos personagens da trama.

O que promete ser um jogo distanciado de representação, prato cheio para se brincar com os duplos ator-personagem, cena-bastidores, é abandonado rapidamente no abrir das cortinas. A partir dali, os personagens da trama ganham corpo e cenário próprios, além de um tratamento quase realista. Com

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

exceção de dois momentos de intervalo que mesclam o ambiente do rádio ao do circo-teatro por meio de brincadeiras com o público, o que vemos é uma representação sem o ritmo, a teatralidade e o distanciamento necessários para dialogar com o gênero melodramático neste início de século XXI. Com isso, o que surge ressaltado em cena, para além da homenagem nostálgica ao passado, é uma peça impregnada pela moralidade burguesa machista de sua época.

Na trama levada ao palco pelo Teatro D'Aldeia, acompanhamos a história de uma jovem que decide adotar a filha órfã do seu ex-futuro noivo, ao descobrir o passado oculto do pretendente. Após uma temporada em Paris, divorciado, desiludido e alcoolatra, o pai retorna para buscar a filha abandonada, em quem deposita a esperança de reconstruir sua vida.

Nas cenas de prólogo e dos intervalos, busca-se trazer para o primeiro plano a ambientação dos lugares onde ocorria o melodrama no Brasil. Nessas passagens, a execução musical de famosos jingles do começo dos anos 1990 é sucedida por uma espécie de show de auditório, no qual a plateia ganha brindes quando acerta o nome de quem canta as músicas tocadas no teatro.

Embora desperte empatia no público por seu apelo à participação recompensada, cenicamente a proposta não se resolve. Falta à montagem uma ambientação que materialize o desejo de resgatar o espírito do circo-teatro. Ao mesmo tempo, ao cruzar essa referência com aquelas vinculadas à radionovela, o que surge é uma proposição que não se assume plenamente nem no diálogo com um contexto nem com o outro. Assim, as cenas que poderiam conferir certo distanciamento crítico ao caráter datado da moralidade do melodrama de Viviani se convertem no entretenimento superficial dos shows de auditório.

Por outro lado, ao não investir em uma teatralidade mais exagerada e esteticamente rebuscada na representação do melodrama, a consequência é igualmente a projeção das características literárias e discursivas da peça para o primeiro plano. Fato que ajuda a ressaltar o olhar conservador do texto sobre o

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

imaginário e os papéis da mulher, associada à figura da “santa”, da “moça decente”, ícone de “bondade”, “nobreza”, “sacrifício” e privações de todo tipo, sobretudo quando associada ao papel de mãe. Embora o texto acompanhe o recorte de época, o reforço desses lugares é problemático justamente porque muitos deles ainda hoje são considerados padrão de conduta da mulher ideal, performados diariamente nas telenovelas e na sociedade brasileira.

Ao que parece, o que falta em “Perdóname” para tecer uma homenagem ao melodrama à altura do seu passado, com o devido distanciamento histórico, é exatamente um investimento mais elaborado na estética e na teatralidade sofisticadas que consagraram o gênero. Para isso, seria necessário investir em musicalidade, movimentação, cenários e interpretações que logrem produzir a pompa e a circunstância que a proposição merece.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.